

# “Morrer vinte vezes por dia”: cosmopolitismo, contrabando e mundo do crime em *Contos de Odessa*, de Isaac Bábel

## “Dying Twenty Times a Day”: Cosmopolitanism, Smuggling and Criminal World in Isaac Babel’s *Odessa Stories*

**Ana Carolina Huguenin Pereira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) | Rio de Janeiro | RJ | BR  
Faperj – Prociência  
carolhuguenin@yahoo.com.br  
<https://orcid.org/0000-0002-8527-649X>

**Gustavo Villela Lima da Costa**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) | Rio de Janeiro | RJ | BR  
gustavovillelimalimadacosta@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-6286-4785>

**Resumo:** O artigo tem como objetivo analisar *Contos de Odessa* (Одесские рассказы, 1921-1931), de Isaac Bábel, a partir de uma perspectiva interdisciplinar envolvendo questões relacionadas à História e Literatura, Sociologia do crime e Antropologia das fronteiras. A obra de Bábel nos conduz à Odessa de inícios do século XX e nos permite refletir acerca do poder de criminosos, de personagens marginalizados envoltos em redes de obrigações e de favores, no contexto do exercício da violência na Ucrânia pré-revolucionária. Os personagens de *Contos de Odessa* buscam formas de exercer poder e se afirmar sob a ordem opressiva do Império Tsarista e sob a dinâmica, ambígua e complexa, do mundo do crime na cidade.

**Palavras-chave:** Isaac Bábel; *Contos de Odessa*; criminalidade; História e Literatura.

**Abstract:** This essay aims to analyze Isaac Babel’s *Odessa Stories* (Одесские рассказы, 1921-1931) from an interdisciplinary perspective involving subjects related to History and Literature, Sociology of crime and Anthropology of borders. Babel’s work takes place in early 20th century Odessa and considers the power of its criminals, its marginal characters and their businesses, networks of obligations and favors in pre-revolutionary Ukraine. *Odessa Stories*’s characters search for ways to obtain power and to assert themselves under the oppressive order of the Tsarist Empire and under the ambiguous and complex dynamics of the city’s criminal world.

**Keywords:** Isaac Babel; *Odessa Stories*; criminality; History and Literature.



## Odessa – O “rei dos ladrões” na cidade cosmopolita

A partir de uma perspectiva interdisciplinar que envolve questões pertinentes às áreas de História e Literatura, Sociologia do crime e Antropologia das fronteiras, propõe-se, neste artigo, uma reflexão a respeito de *Contos de Odessa* (Одесские рассказы, 1921-1931), de Isaac Bábel. O personagem Bênia Krik é um fora da lei judeu, de origem humilde, que vive em Odessa no início do século XX e constrói seu poder a partir de uma hábil trajetória que lança mão de violência extrema, alianças via casamentos, trocas de obrigações sociais e da imposição de um sistema de proteção e de extorsão.

Quarta maior cidade do Império Russo, que já abrigava, no início do século XX, um multiétnico e cosmopolita porto no Mar Negro, Odessa será entendida aqui como uma cidade-fronteira. Nos portos vigoram intenso fluxo de mercadorias, povos, identidades e culturas, além de todo um aparato de controle aduaneiro e fiscal, com seu corpo administrativo específico, que visa controlar a entrada e saída de produtos e pessoas – deste modo, é possível considerar cidades portuárias, a exemplo de Odessa, como territórios fronteiriços (Rabossi, 2004; Dorfman, 2009). Outra característica da cidade que possibilita mobilizar os estudos de fronteira para compreender os contos de Bábel é sua localização no Mar Negro, que permite a navegação no Mediterrâneo e no Oceano Atlântico e, pelo canal de Suez, no Mar Vermelho e no Oceano Índico. Além disso, há possibilidade de navegação pelo rio Danúbio, da costa da Romênia até a Alemanha.

A vida portuária permite aos personagens da obra de Bábel construir suas trajetórias em meio a um intenso trânsito de povos e de mercadorias. Enquanto polo exportador de grãos para o Mediterrâneo, e de lá, para todo o mundo, a cidade apresentava uma “exuberante vida social e cultural, de feições únicas no Império” (Hausmann, 2023, p. 22). Múltiplas línguas, nacionalidades e produtos circulavam pelo espaço urbano, marcado por um vibrante intercâmbio cultural e econômico. Judeus, russos, gregos, árabes, malaios, ingleses e pessoas de diversas nacionalidades se cruzavam e entrecruzaram na cidade, formando um caleidoscópio de povos que trocavam “mercadorias, ideias e afetos. [N]uma terra de fronteira sem eira nem beira, onde imperava o arbítrio” (Reis Filho, 2010, p. 89) de criminosos e de autoridades. Enquanto a capital petersburguesa era associada à opressora ordem tsarista, Odessa, no imaginário pré-revolucionário, evocava a ideia de um espaço de maior autonomia e de oportunidades, no qual, em meio ao rico comércio internacional, seria possível ganhar dinheiro facilmente (Briker, 1994, p. 115), de formas legais ou ilegais.

A cidade estava inscrita na Zona de Assentamento, onde os súditos judeus do Império Russo tinham permissão para viver – tratava-se de um território que incluía, além da Ucrânia, Bessarábia, Belarus, Lituânia e Polônia, entre outras regiões localizadas nas fronteiras ocidentais. Para a comunidade judaica, Odessa representava “uma ‘terra de oportunidades’

uma alternativa aos Estados Unidos, à Argentina, à Palestina e à interdita São Petersburgo” (Briker, 1994, p.115). Em 1897, num contexto de diversidade étnica e religiosa, marcado por intensa imigração, 32,5% da população local falava Ídiche (Hausmann, 2023, p. 24). Tal diversidade não excluía, de forma alguma, conflitos e perseguições, os quais atingiam violentamente a população judaica, alcançando ápices de radicalidade nos grandes pogroms que se abateram sobre a Ucrânia em 1881 e em 1905. Este último é tematizado, em toda a sua condição dramática e selvagem, nos contos “História do meu pombal” e “Meu primeiro amor” (Bábel, 2015). Harold Bloom destaca que Bábel, embora tenha escrito em russo, esteve sempre imerso no contexto cultural dos falantes de Ídiche e era, deste modo, um “contador de histórias da Odessa judaica”, cidade que se firmou como “um grande centro da cultura literária judaica” (Bloom, 2004, p. 11), em seus dramas, trocas e sobrevivência cotidiana.

Os personagens de *Contos de Odessa* podem ser considerados como habitantes das margens do Estado – margens entendidas aqui como condição ou *status* liminar de pessoas, grupos e territórios, que não necessariamente se relacionam apenas a uma região geográfica específica. O *status* de margem possui uma dupla característica ou ambiguidade: são áreas de liberdade, de resistência, e de subversão econômica, cultural, política e identitária. Também são locais de intenso controle do poder estatal, que põe em prática um “laboratório” de políticas autoritárias e de práticas de exceção. Nessa situação de liminaridade<sup>1</sup> (Van Gennep, 2011; Turner, 1974), cujo *status* apresenta algo de “indefinível” e ambíguo, se configuram locais, pessoas e grupos “vulneráveis e perigosos” simbolicamente, que rompem, como afirma Mary Douglas, com a estabilidade ideal dos sistemas culturais e nacionais (Douglas, 2012, p. 119). Para que possamos compreender as especificidades da vida de uma cidade como a Odessa de Bábel, é preciso considerar as relações entre Estado e violência (física e simbólica), a exemplo do que se observava na Zona de Assentamento, seus dispositivos de controle e suas relações com práticas ilegais e informais, que se tornam estratégias de sobrevivência de grupos excluídos.

Observamos, em *Contos de Odessa*, que a economia criminal na cidade se baseava em situações difusas observadas pelo autor, lá nascido em 1894, e cuja “identidade cultural emergiu do contexto diverso, multiétnico, russo e judaico, da Odessa pré-revolucionária” (Sicher, 2023, p. 194). As modalidades de trabalho informal e ilegal se apresentam no cotidiano com grande extensão e multiplicação de atores sociais que usam o porto como um recurso social e econômico. Os frutos do comércio legal e ilegal são fonte de renda do “ladrão e reis dos ladrões” (Bábel, 2015, p. 17), Bénia Krik, e de outros personagens, que achacam comerciantes, promovendo assaltos para extorqui-los e vender proteção. As redes de relações e obrigações no local fornecem capital social (e comercial), sem o qual não seria possível o controle territorial dessas operações e o sucesso da aquisição e entrega de mercadoria e de dinheiro no “bazar fronteiriço”. A cidade moderna, segundo Ruggiero e South (1997, p. 54), pode ser pensada como um “bazar”, em sua “multiplicidade, negociações, comércio e barganhas incessantes. Neste ‘bazar’ a legalidade e a ilegalidade se misturam e as fronteiras morais são constantemente negociadas”.

---

<sup>1</sup> O conceito de liminaridade na Antropologia tem início com as análises sobre os ritos de passagem desenvolvidas por Van Gennep (2011), que afirma que durante a sequência ritual, existem espaços ou estados liminares de certa forma suspensos no tempo e no espaço, que designa com o nome de *margens*, as quais representam a alteração das estruturas, normas e *status* sociais (Van Gennep, 2011).

No conto “O rei”, que abre o livro, Bênia Krik, em pleno “bazar” de Odessa, oferece uma suntuosa festa para o casamento de sua irmã Dvoira Krik. No banquete, os comensais – ladrões e homens de negócio, senhoras e mendigos – têm acesso farto a “tudo que havia de mais nobre em nosso contrabando”:

Na hora do jantar de casamento, serviram perus, galinhas assadas, gansos, peixe recheado e sopa [...]. Mas será que as ondas espumosas do mar de Odessa trazem para a praia galinhas assadas? Tudo que havia de mais nobre em nosso contrabando, tudo que, de uma ponta à outra, era a glória da terra, naquela noite estrelada e radiosa cumpriu sua devastadora, sua fascinante missão. [...] O cozinheiro negro do [navio] Plutarco, que chegara de Port Said dois dias antes, trouxera para o outro lado da fronteira da alfândega bojudas garrafas de rum da Jamaica, vinho madeira oleoso, charutos de plantações de Pierpont Morgan e laranjas dos arredores de Jerusalém. Aí está o que as ondas espumosas do mar de Odessa depositam na praia, aí está o benefício que os casamentos judeus às vezes trazem aos mendigos de Odessa (Bábel, 2015, p. 19).

De acordo com Telles (2009), contrabandistas e comerciantes ilegais são portadores de “competências circulatorias (quer dizer, saber passar pelas fronteiras, contornar as restrições, os controles e as fiscalizações), transformando-se em atores de amplas transferências internacionais de mercadorias” (Telles, 2009, p. 160). As áreas de fronteira, assim como os portos são, portanto, locais propícios às negociações (não apenas materiais, mas também imateriais), seja pela existência de câmbios distintos, pela oferta de mão de obra, por incentivos fiscais e processos migratórios, seja pela dinâmica das construções identitárias, ou pela interação social e trocas simbólicas entre diferentes nacionalidades e grupos étnicos. As fronteiras e cidades portuárias, como a Odessa de Bábel, representam, portanto, para seus moradores, tanto um recurso material quanto social (Valcuende e Cardia, 2009).

O conto “O pai” descreve a mercearia do comerciante Kaplun como a “melhor venda da praça Privóznaia”, na qual eram expostas mercadorias de diversas partes do mundo:

Nela havia o cheiro de muitos mares e de vidas maravilhosas que nós desconhecemos [...]; sobre o balcão expunham-se azeitonas da Grécia, manteiga de Marselha, café em grão, vinho Málaga de Lisboa, sardinhas da firma Felipe e Cano e pimenta caiena (Bábel, 2015, p. 38).

Odessa é descrita como a “Marselha da Rússia” (Bábel, 2015, p. 117), como uma cidade com muitas oportunidades de negócios, em função do diferencial fronteiriço e do intenso fluxo de mercadorias e pessoas, e é justamente por essa condição que se costuma identificar cidades portuárias ou fronteiriças como lugares por excelência da ilegalidade. Odessa carregava, neste sentido, a (má) reputação de uma cidade povoada por criminosos, escroques e trambiqueiros de toda sorte, muitas vezes romantizados e celebrados na tradição literária pré-revolucionária e na obra de Bábel. O “mito de Odessa” celebrava a cidade como “um local hedonista de ladrões cômicos e épicos” (Sicher, 2023, p. 193), e Bábel seria não o inventor, mas o “último gênio” dessa tradição, adaptando-a ao contexto “dos tempos em que viveu e diante dos quais caiu vítima” (Sicher, 2023, p. 194) – preso, torturado e morto em 1940, no auge da repressão stalinista.

Na verdade, fronteiras e cidades portuárias são lugares bons para fazer negócios, sejam eles legais ou ilegais, para a proliferação de homens de negócio que operam fora ou

nos limites da lei. Neste sentido, são também lugares privilegiados para pensarmos na relativização das dicotomias do legal e do ilegal, justamente porque essas separações não existem de maneira pura no mundo do comércio e dos negócios e, por outro lado, das regulações estatais. Por conta dessa condição específica é que os atores sociais fronteiriços, marginais – e da Odessa de Bábel – utilizam a condição de fronteira em benefício próprio, de acordo com o contexto social e político. Os mecanismos de operacionalização das atividades ilegais passam por interações locais e globais, possibilitando arranjos criminosos que dinamizam a vida econômica dessas cidades e regiões.

Uma personagem que ilustra bem como a economia de Odessa estava imbricada com a economia ilegal é Liubka, a Cossaco, que tem sua trajetória narrada no conto de mesmo nome. Liubka Shneives é uma contrabandista que interage com comerciantes judeus e negocia com os navios estrangeiros que chegam no porto. Ela possui uma estalagem que também é um ponto de encontro de negociantes e contrabandistas. Bábel descreve uma negociação na qual Mister Trottbearn, chefe de máquinas do navio Plutarco, chega com dois marinheiros, um malaio e outro inglês, para descarregar no pátio o contrabando trazido de Port Said, no Egito. Mais cedo naquele dia, Liubka tinha andado “cinquenta verstas de baixo de um calor de rachar” para negociar com marinheiros do Plutarco, que havia ancorado pela manhã: “A caixa era pesada, eles deixaram cair no chão, e da caixa pularam charutos embrulhados em seda japonesa. Um monte de mulheres veio correndo ver a caixa e duas ciganas forasteiras se balançando e tilintando, se aproximaram pelo lado” (Bábel, 2015, p. 49). Liubka grita com as ciganas e as expulsa, sentando-se à mesa para terminar a negociação e, enfim, Mister Trottbearn desembulha suas mercadorias:

Tirou de seu pacote charutos, seda fina, cocaína, limas, tabaco a granel do estado da Virgínia e vinho preto, comprado na ilha de Quios. Todas as mercadorias tinham preço especial e cada cifra era brindada com vinho da Bessarábia, que tinha cheiro de sol e de percevejo (Bábel, 2015, p. 49).

Adiante, Bábel segue apontando a capacidade de Liubka no mundo do crime de Odessa. Trata-se de uma pequena comerciante, contrabandista que trabalha com prostituição em sua modesta estalagem, pela qual transitam, não obstante, mercadorias variadas e cobiçadas, atravessadas, conforme indica a citação acima, pelo sol e pelos percevejos. Mister Trottbearn reconhece a habilidade comercial (e criminosa) de Liubka quando diz: “Muita gente decente me procura, Miss Liubka, atrás de mercadorias, mas não entrego para ninguém [...] a não ser a senhora” (Bábel, 2015, p. 50). Após as negociações, os marinheiros do Plutarco saem bêbados e dançando pela rua de onde “podiam ver o mar, a água preta da baía de Odessa, as bandeiras de brinquedo nos mastros afundados e luzes penetrantes acesas nas vastas profundezas” (Bábel, 2015, p. 50).

Tanto Liubka, uma pequena contrabandista, quanto o “rei dos ladrões” Bénia Krik aparecem no livro como hábeis negociadores, manejando as oportunidades do “bazar fronteiriço”, em que os fluxos econômicos da cidade portuária, sua imbricação entre o legal e ilegal, assim como a dimensão do “segredo”, garantem a eficácia e a ordem do comércio ilegal. Uma diferença importante entre os dois personagens é que as principais mercadorias transacionadas pelo “rei” são as mercadorias políticas (extorsão e venda de proteção), de caráter material e imaterial. São elas que, segundo Misse, combinam “custos e recursos políticos (expropria-

dos ou não do Estado) para produzir um valor de troca político ou econômico” (Misse, 1997, p. 93). Como ainda aponta o autor, há um mercado informal, cujas trocas combinam especificamente dimensões políticas e dimensões econômicas, de tal modo que um recurso ou custo político seja metamorfoseado em valor de troca. Este é um mercado avesso a qualquer regulamentação estatal ou pública. O recurso político é expropriado do Estado (como é o caso da oferta de proteção) e privatizado pelo agente de sua oferta, adquirindo formas diversas. É assim que, em *Contos de Odessa*, segundo diriam as “pessoas sensatas” da cidade, “a polícia termina onde Bênia começa” (Bábel, 2015, p. 28); já Liubka, mais modestamente, usa da astúcia, de sua relativa invisibilidade e de seus contatos para viver do que negocia no porto.

Odessa e seu porto se configuram tanto como fronteira quanto como margem: os protagonistas dos contos são moradores que habitam o “submundo” do crime e apontam para um mergulho social, literário e etnográfico de Isaac Bábel. Conforme apontam Bernardini e Andrade (2021, p. 14), o autor, ainda muito jovem, “saía com os colegas para o cais do porto, aprendia a nadar, jogava sinuca nos cafés gregos ou ia para as cantinas beber o vinho barato da Bessarábia”, circulando e vivendo intensamente pela cidade. Os personagens dos *Contos* dominam espaços ambíguos, apontando para o fato de que o pertencimento identitário e étnico (neste caso, dos judeus que viviam na cidade) e as redes de relações pessoais são fundamentais para a organização local do “mundo do crime”. A partir da leitura de Hannerz (1974), podemos pensar nas relações que se estabelecem entre etnicidade e oportunidades sociais e de trabalho no ambiente urbano. O autor entende que os grupos étnicos urbanos podem ser estudados como “grupos de interesse” (*interest groups*), em disputa pelos recursos na arena pública. As etnicidades, no caso das fronteiras ou cidades portuárias, locais de circulação de diferentes nacionalidades e etnias, também são “idiomas” que promoveriam a solidariedade entre os indivíduos como um dever moral (Hannerz, 1974, p. 39). Bábel escreve sobre criminosos judeus imersos em relações em que a etnicidade não apenas contribui para os negócios ilegais, mas constrói identidades e reforça padrões culturais.

Conforme referido, nos *Contos*, há uma gama de personagens vivendo da economia ilegal, seja direta ou indiretamente, tornando-se ricos e poderosos ou apenas conseguindo seu ganha-pão. De acordo com Peraldi (2007, p. 120), a economia criminal funciona como um “sistema de regulação e divisão desigual”, em que “todo mundo toca um pouco nos benefícios do comércio”, o que se reflete na possibilidade de ascensão social para numerosos atores, implicados em uma vasta gama de negócios laterais à sua atividade criminosa. Em *Contos de Odessa*, distintas situações apontam para a “economia de bazar” (Peraldi, 2007), baseada nas trocas interpessoais, no valor e controle da informação como um dos principais ativos econômicos. Como afirma Geertz (1978, p. 30) acerca desta economia, “a busca por informações que faltam e a proteção das informações que se têm é o ‘x da questão’ (*‘name of the game’*, no original)”. A economia criminal em torno de Bênia Krik, como veremos, obedece justamente à lógica do segredo e do controle da informação, que se constrói nas relações de troca personalizadas, suplantando, às vezes, relações puramente econômicas ou utilitárias. Prevalecem, assim, as interações face a face na construção de uma “clientela fidelizada” no contexto da qual se opera uma rede de confiança, sob a ameaça sempre latente do uso da violência para solucionar conflitos. É o que se percebe, de diversas maneiras, na trajetória do “rei dos ladrões” de Odessa, o resoluto e violento Bênia Krik.

## O rei e seus arranjos: casamentos, funerais, extorsão e venda de proteção

Em “Assim se fazia em Odessa”, iniciamos nossa aproximação com a história de Bénia Krik. No conto, o narrador conversa com o velho Arie-Leib, pede para que ele lhe fale sobre o bandido e pergunta: “Por que só Bénia Krik conseguiu subir na escada de corda, enquanto todos os outros ficaram embaixo, pendurados nos degraus bambos?” (Bábel, 2015, p. 23). O velho responde numa longa digressão, que lança mão de vivas imagens e metáforas, para se referir ao pai de Bénia Krik, o carroceiro Mendél Krik, que só pensava em *vodka* e nos seus cavalos: “Você quer viver e ele obriga você a morrer vinte vezes por dia. O que você faria no lugar de Bénia Krik? Não faria nada. Mas ele fez. Por isso é o Rei, enquanto você faz figa com a mão no bolso” (Bábel, 2015, p. 24). Trata-se, conforme apontado por Daniel Aarão Reis Filho (2010), de um homem de ação, violento e apaixonado, que sabe o quer e como conquistá-lo sem medo ou hesitação: “e conseguiu o que queria, o Bénia Krik, porque é um apaixonado e a paixão domina o mundo” (Bábel, 2015, p. 19). O bandido, que se vestia com roupas coloridas e extravagantes, na prodigiosa Odessa pré-revolucionária, não se satisfaria em fazer “figa com a mão no bolso” – a exemplo de intelectuais que carregam “os óculos no nariz e outono na alma” e se limitam a “arma[r] escândalos atrás da mesa de seu escritório” (Bábel, 2015, p. 23). Bénia fazia escândalos nas praças públicas, por toda a cidade, e apenas “gagueja[va] no papel”, pois era “um tigre, um leão, um gato” (Bábel, 2015, p. 23), que não se deixaria matar vinte vezes por dia – seja pelo pai carroceiro, seja pelo “pai” Tsar.

Ari Lieb segue narrando como Bénia, ainda muito jovem, se propôs a participar de atividades ilegais com um velho criminoso de Odessa, Froim Gratch: “Apanhe-me. Quero ser lançado na sua praia. A praia em que eu for lançado vai sair ganhando”. Froim responde com descrença e a indagação: “Quem você acha que é?”. (Bábel, 2015, p. 24). Sua audácia, entretanto, motiva um encontro do conselho dos ladrões, que decide colocá-lo à prova. Ele deveria assaltar o escritório de Tartakóvski, o “Judeu e Meio”, que empregava “meia Odessa em suas barracas” (Bábel, 2015, p. 25). O epíteto se ligava ao fato de que “nenhum judeu era capaz de acumular tanta audácia e tanto dinheiro” (Bábel, 2015, p. 25). Outro apelido de Tartakóvski era “Nove Assaltos” – por conta de nove investidas sofridas contra o seu escritório. Bénia deveria se encarregar da décima.

Como era praxe entre os bandidos da cidade (e do livro de Bábel), Krik escreveu uma carta de extorsão que emulava o estilo e reproduzia termos e clichés utilizados pelos homens de negócio (Briker, 1994) – o que cria um efeito cômico, inusitado e um tanto absurdo. Exigindo dinheiro, escreveu: “Prezadíssimo Senhor Ruvim Ossípovitch! Faça a grande gentileza de, no sábado, colocar [dinheiro] embaixo do barril de água de chuva etc”. Caso recusasse, “uma grande desilusão na vida familiar o aguarda. Com respeito, seu conhecido Bentsion Krik”. (Bábel, 2015, p. 26).

Sem resposta, Bénia reuniu ladrões para realizar o assalto, mas “a desgraça rondava junto às janelas, como um mendigo ao nascer do dia” (Bábel, 2015, p. 27), e adentrou o escritório do “Judeu e Meio” quando um dos comparsas, bêbado, disparou acidentalmente contra um funcionário inocente. Era preciso agir: ao assassino, a morte; o hospital deveria dispensar à vítima o melhor tratamento e todos os recursos, caso contrário, avisou o bandido ao médico-chefe: “a cada doutor, mesmo que seja doutor de Filosofia, caberá não mais que três *archin* de terra” (Bábel, 2015, p. 28).

A despeito do empenho dos médicos, a desgraça prevaleceu. Seria necessário, então, indenizar tia Péssia, mãe da vítima, e organizar o maior funeral que Odessa já viu. “Judeu e Meio” foi obrigado a pagar cinco mil rublos e uma pensão vitalícia à mulher, caso contrário, “sentaremos em meu automóvel” (Bábel, 2015, p. 29). O carro vermelho, cuja buzina musical tocava áreas de ópera, chegara à casa da tia Péssia ao som de *Ride palhaço*, conduzindo o bandido que trajava “um paletó cor de chocolate, calça creme e sapatos de verniz vermelho” (Bábel, 2015, p. 29). Acertada a indenização, era hora de se desculpar com a mãe da vítima: Se a senhora precisar da minha vida, pode vir tomar, mas todo mundo erra, até Deus. Foi um erro enorme, tia Péssia, Mas também não foi um erro da parte de Deus pôr os judeus na Rússia, para que fossem atormentados como no inferno? (Bábel, 2015, p. 30).

O enterro – duplo e simultâneo, da vítima e do assassino, que o próprio Bênia tratou de matar – foi o acontecimento público que marcou a coroação do “rei”: “Enterro assim Odessa nunca tinha visto nem o mundo verá” (Bábel, 2015, p. 30). Sessenta cantores, sinagogas enfeitadas, policiais de luva de malha, advogados e senhoras de broche. Bênia e quatro bandidos saíram do automóvel vermelho, que, novamente, chegou ao som de *Ride palhaço*, “com uma coroa de rosas como jamais se viu” (Bábel, 2015, p. 31). Em seu discurso, o bandido afirmou que a vítima se ocupava do dinheiro alheio e morrera “pela classe trabalhadora inteira” (Bábel, 2015, p. 32) e deu prosseguimento ao segundo enterro – o do assassino. Terminado o discurso, “as pessoas, as árvores e os mendigos do cemitério ficaram em silêncio” (Bábel, 2015, p. 32), em um misto de medo e estupefação. O dinheiro do crime pagou pelo carro vermelho, pelos policiais e cantores, pelo enterro, o silêncio, o pavor e a cumplicidade de todos – afinal, como disse o bandido, “até Deus erra”.

De acordo com Balandier (1982), para que haja a legitimação do poder, é fundamental a produção de imagens e símbolos que reforcem o exercício da dominação, a partir de sua organização e apresentação num quadro ritual e cerimonial. O autor entende que todo poder opera como um dispositivo que se destina a produzir efeitos (tanto pelo agir quanto pelo representar), o que chama de “teatrocracia” (Balandier, 1982, p. 5). Nos contos de Bábel, é possível afirmar que os bandidos também fazem uso estratégico do poder em demonstrações de força através do espetáculo, do drama e da teatralidade. Ainda segundo Balandier:

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial (Balandier, 1982, p. 7).

Em *Contos de Odessa*, atuações criminosas se passam em meio aos mais importantes eventos familiares da comunidade judaica – casamentos, funerais e propostas de matrimônio (Briker, 1994), enlaçando a atuação pública dos bandidos à esfera privada. Se Bênia organizou um enterro que a cidade e o mundo nunca viram, a festa de casamento de sua irmã não deixaria a dever. Mas, antes disso, o próprio ladrão ficou noivo, formando importante aliança criminosa através de um arranjo matrimonial com o velho bandido Froim Gratch – o mesmo a quem pedira uma oportunidade para entrar no mundo do crime.

Em “O pai”, observamos os frutos de sua audácia ao apelar para Froim Gratch. No conto, Bábel nos apresenta Baska, a filha solteira de Gratch. Apaixonada pelo filho do dono de mer-



cearia Kaplun, ela reclama que ninguém se casaria com ela, chama o pai de “ladrão ruivo” e pragueja contra o seu destino: “E eu sou a única [moça] que vive como uma sentinela vigiando um armazém que não é meu. Faça alguma coisa comigo, pai, senão vou dar fim à minha vida” (Bábel, 2015, p. 37). Froim Gratch procura então o dono do armazém para propor a mão de Baska a seu filho, mas é rejeitado e humilhado ao ouvir da esposa do comerciante a seguinte resposta: – “Não quero o senhor, Gratch, como uma pessoa não quer a morte. [...] Não esqueça que nosso avô era dono de mercearia e nós temos que manter nossa *branche*” (Bábel, 2015, p. 39). O “ladrão ruivo”, tão certo é que não estaria à altura da *branche*, não deixaria barato a recusa. Ele segue para a estalagem de Liubka, a cossaco, que o aconselha a casar a filha com Bénia Krik: “Case o Bénia com Baska, dê um dinheiro para ele, mande Bénia ganhar a vida com seu trabalho.” (Bábel, 2015, p. 42). A cossaco diz a Bénia, que estava em um quarto com uma prostituta russa, que Gratch “quer um homem para fazer um trabalho e não consegue achar”. “Vou pensar, deixe que o velhote fique esperando” (Bábel, 2015, p. 43). E depois de muitas horas, ao longo das quais o casal “gemia e ria”, finalmente o jovem ladrão saiu do quarto e aceitou a proposta de Gratch, que esperara pacientemente atrás da porta: “combinaram que Baska entregaria a seu futuro marido três mil rublos de dote, dois cavalos puro-sangue e um colar de pérolas” (Bábel, 2015, p. 44). Além disso, Bénia se encarregaria de cobrar um dote de dois mil rublos a Kaplun, o dono da mercearia “que não teve clemência do primeiro amor de Baska”. “Vou cuidar disso para você, papai” – disse para o futuro sogro – Deus vai nos ajudar e vamos castigar todos os donos de mercearia” (Bábel, 2015, p. 44). Depois de uma série de incêndios criminosos, o comerciante Kaplun, com seus negócios e sua *branche*, foi à ruína. O seu destino, assim como o de Baska e o de Bénia, o novo “filho” do velho bandido Gratch, foi decidido em uma noite, num arranjo criminoso envolvendo extorsão, assaltos e laços de parentesco.

Mas Bénia, já consagrado “rei”, se casaria novamente. Dessa vez com a filha do rico Eikhbaum, “que possuía sessenta vacas leiteiras, menos uma” (Bábel, 2015, p. 17). Depois de três cartas de extorsão não respondidas, o bandido promoveu um assalto nas terras do futuro sogro, deu tiros para o alto e massacrou suas vacas. Eikhbaum aceitou pagar o valor da extorsão e “recebeu em troca uma garantia de imunidade, confirmada em um contrato com carimbo” (Bábel, 2015, p. 18). Violência e venda de proteção: o negócio estava selado, mas Bénia Krik queria mais. Ao ver a filha do fazendeiro correndo de camisola decotada em meio à confusão do assalto, “a vitória do Rei se tornou a sua derrota”. Em troca da mão da moça, a oferta de proteção e a proposta de negócio se estenderam:

Quando o senhor morrer, vou enterrá-lo no melhor cemitério judaico, bem junto ao portão. Vou construir para o senhor um mausoléu de mármore cor-de-rosa [...]. Vou trocar minha especialidade e me tornar sócio de seu negócio. [...]. Vou matar todos os produtores de leite, menos o senhor. Não vai passar nenhum ladrão na rua que o senhor morar. E lembre-se, Eikhbaum, na juventude o senhor não foi nenhum rabino [...]. O seu genro será um Rei, e não um pirralho qualquer (Bábel, 2015, p. 18-19).

Acordo firmado, e, depois da lua de mel, Bénia tratou de casar a irmã Dvoira. Aos 40 anos e com o corpo acometido pela doença de Basedow, ela se tornou esposa, em uma festa de casamento espetacular, de um jovem franzino, “comprado com o dinheiro de Eikhbaum e emudecido de aflição” (Bábel, 2015, p. 20). Na noite de núpcias, Dvoira empurrou o marido apavorado para o quarto, “como um gato que pega um camundongo na boca e o apalpa de leve com

os dentes” (Bábel, 2015, p. 22). Se Bénia, conforme citado, “é um tigre, um leão, um gato”, ele segura entre os dentes o mudo do crime de Odessa, com ferocidade, apetite e astúcia. A irmã, os sogros e os parceiros de empreitada podem abocanhar também os seus pedaços. Na grande festa, enquanto a delegacia da cidade ardia em chamas e o noivo aguardava com aflição o seu destino, os comensais desfrutavam do melhor do contrabando. O “rei” tinha que ser implacável e generoso, demonstrar publicamente a extensão de sua riqueza e o alcance de seu poder.

## “Bénia sabe da batida”: o incêndio, a dádiva e o segredo

Ainda no conto “O rei”, Bábel traz um interessante diálogo entre Bénia Krik e um jovem local, que o alerta a respeito de uma batida policial. O diálogo indica um amplo sistema social de trocas de favores, dádivas e informações que criam redes de obrigação e garantem a proteção dos “súditos” do rei do crime. No meio da festa de casamento, o jovem se aproxima de Krik, que o leva para um canto:

Ontem chegou à delegacia o novo comissário de polícia, tia Jana mandou avisar ao senhor...

— Eu já sabia disso desde anteontem, respondeu Bénia Krik. — O que mais?

— O comissário de polícia reuniu o pessoal da delegacia e fez um discurso...

— Vassoura nova varre bem — ele quer dar uma batida. O que mais?

— E quando vai ser a batida, o senhor sabe, Rei?

— Vai ser amanhã.

— Rei, vai ser hoje.

— Quem foi que disse isso para você, menino?

— Foi a tia Jana. O senhor conhece a tia Jana?

— Conheço tia Jana. O que mais?

— O comissário reuniu o pessoal da delegacia e fez um discurso: “nós temos que sufocar Bénia Krik”, disse ele, “porque, onde existe um soberano imperador, não pode existir um rei. Temos que dar uma batida hoje, quando Krik for casar a irmã e todos estiverem lá juntos...”

[...]

— O que o senhor quer que eu diga para tia Jana sobre a batida?

— Diga: Bénia sabe da batida (Babel, 2015, p. 16).

O discurso do comissário de polícia é claro e enfático: onde existe um “soberano imperador” não poderia existir um rei. Seria preciso sufocar o criminoso judeu e seu reinado, de modo que a autoridade central reafirmasse o seu poder — o poder do soberano Tsar, que não deveria conviver com uma “soberania” duplamente marginalizada: criminosa e relacionado a uma minoria perseguida. O novo comissário, ainda não familiarizado com as regras locais e extraoficiais, procura impor a lei sobre a cidade e, por isso, pagaria um preço alto. Após receber a informação de tia Jana por meio de seu enviado, o “rei” responderia com astúcia, insubordinação e violência, reafirmando o seu poder. Ele não interrompeu a festa e provocou um incêndio na delegacia. O informante retornou ao casamento e, rindo baixinho, disse: “a delegacia pegou fogo que nem uma vela...” (Bábel, 2015, p. 21). Em meio à confusão, os presos fugiram e o comissário, impotente, parado na calçada, “mordia os bigodes que se enfiavam em sua boca. A vassoura nova estava sem movimento” (Bábel, 2015, p. 22). Ao passar por ele,

Bénia fez um cumprimento militar e disse em tom simpático, triunfante e cínico: “Boa tarde, Vossa Excelentíssima. Mas que calamidade foi essa? Um pesadelo” (Bábel, 2015, p. 22).

Observamos que a mensagem enviada pelo bandido a tia Jana – “Bénia sabe da batida” – significa que ela ofereceu uma dádiva muito importante, a informação, e que o “rei” sabe que está devendo uma obrigação: proteção, ajuda, ou alguma vantagem no futuro. A conversa se desenrola como uma negociação no “bazar” de Odessa, em que a informação é uma moeda de troca. O modo como Bábel constrói o diálogo nos remete a uma espécie de jogo de cartas em que Bénia aguarda o lance do jogador para apresentar a sua mão. Nada é dito de forma inteiramente direta e imediata, e aos poucos o ladrão leva o rapaz a apresentar o “Ás” mais valioso: a informação de que a batida aconteceria naquela noite.

Georg Simmel (2009) nos ajuda a pensar sobre o diálogo quando afirma que:

O segredo significa uma enorme ampliação da vida, porque muitas das suas manifestações não se poderiam produzir na completa publicidade. O segredo oferece, por assim dizer, a possibilidade de que surja um segundo mundo junto ao mundo patente e de que este sofra a influência do outro (Simmel, 2009, p. 235).

A ideia de um “segundo mundo” em atuação, que somente os que detêm o conhecimento do segredo conhecem inteiramente (e que reduz a chamusca, no livro, a delegacia e as intenções do novo comissário de reafirmar o poder do Estado), influencia a dinâmica social, e exerce efeitos práticos sobre a vida das pessoas, assim como na economia como um todo. As pessoas que participam da economia criminosa transitam entre os “dois mundos”, mantendo as aparências de acordo com critérios morais socialmente aceitos. O segredo é a condição do sucesso da reação de Bénia, que, a partir da informação, manda incendiar a delegacia. O “rei” constrói uma rede de confiança, estabelecida entre os moradores de Odessa que orbitam o seu poder. Segundo Daniel Aarão Reis Filho (2010, p. 88), os bandidos de Bábel conhecem “as referências de suas gentes, as comunidades judias de Odessa, os medos e as aspirações, os símbolos que prezam, as qualidades que celebram, os defeitos que abominam”. Neste contexto, é produzindo um “código de ética” mediado diretamente nas relações face a face, e que demanda o cumprimento das obrigações, o pagamento das dívidas e o recebimento de mercadorias e dinheiro sob pena do uso da violência. Em *Contos de Odessa*, se os criminosos “exercem o puro arbítrio para extorquir, também podem exercê-lo para agradar ou fazer o bem. Tudo e todos para eles têm um preço. Que eles pagam, despendendo o dinheiro com grandeza de aristocratas” (Reis Filho, 2010, p. 87). Assim, a informação de tia Jana seria, sem dúvidas, muito bem recompensada.

Para Simmel (2009), o segredo sempre contém a probabilidade e risco de sua revelação, que “se assemelha à atração do abismo”, e se faz acompanhar do sentimento de que não podemos trair a quem nos põe o segredo nas mãos. Além disso, nessa relação social em que está envolvido algum segredo, o mesmo pode ser considerado como um “patrimônio e um valor”, ou seja, “o sujeito se destaca justamente por aquilo que oculta” (Simmel, 2009, p. 246). A ideia do segredo como “patrimônio” é fundamental para as operações ilegais, pois tanto representa um capital simbólico como capital propriamente dito. Uma das condições que permitem a Bénia Krik se tornar “rei” é o fato de que detém informação, segredos recebidos como “dádivas” (Mauss, 2003) da comunidade que o cerca. As pessoas que orbitam sua esfera

de prestígio e poder ficam enredadas em relações de dívidas morais e de obrigações, criando, assim, as regras das ruas que passam longe dos canais oficiais.

Esse artigo buscou trazer reflexões acerca do mundo do crime, das relações de poder, das negociações econômicas e sociais que apresenta Isaac Bábel em *Contos de Odessa*. O autor, um mestre da narrativa curta e sintética, nos permite esse mergulho na cidade através de uma poética das ruas produzida por seu contato direto com a vida urbana, seu porto, suas tabernas, becos e esquinas. Dessa forma foi possível, nas fronteiras entre ficção e contexto social, mobilizar conceitos antropológicos e sociológicos em torno das negociações do “bazar” metropolitano de Odessa para pensar sobre as relações de troca, as redes de obrigação, os acordos políticos e a violência por trás do exercício do poder de personagens como Bénia Krik. Além disso, é possível perceber como a cidade é uma personagem central no livro e tem sua “alma” desvelada sob o olhar e a escrita de Bábel. Percorrer a Odessa de Bábel e acompanhar as peripécias de Bénia, Liubka, Froim Gratch, entre outros personagens – contrabandistas, homens de negócio, assaltantes e bandidos – nos permite vislumbrar o intenso fluxo de mercadorias e de pessoas no Mar Negro no início do século XX, apontando para as relações entre o legal e o ilegal no mundo dos negócios, assim como as relações sociais entre grupos marginalizados, entre os quais os judeus que ali viviam. Assim, observamos como Bábel dá vida às figuras marginais – principalmente aos foras da lei de Odessa, representados, de modo épico e cômico, por meio do “rei” Bénia Krik. Esses personagens, concebidos em uma encruzilhada, sempre tensa, entre História e Literatura, utilizam o porto e as riquezas do comércio legal e ilegal para sobreviver e ascender socialmente. Buscam, assim, formas de exercer poder e se afirmar sob a ordem opressiva do Império Tsarista e sob a dinâmica, ambígua e complexa, do mundo do crime em Odessa.

## Referências

- BÁBEL, Isaac. *Contos de Odessa*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2015.
- BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora UnB, 1982.
- BERNARDINI, Aurora; ANDRADE, Homero Freitas. Apresentação. In: BÁBEL, Isaac. *O Exército de Cavalaria*. Tradução de Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 11-19.
- BLOOM, Harold. Introduction. In: BLOOM, Harold. *Comprehensive Research and Study Guide. Bloom's Major Short Story Writers: Isaac Babel*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2004. p. 9-10.
- BRIKER, Boris. The Underworld of Benia Krik and I. Babel's Odessa Stories. *Canadian Slavonic Papers*. v. 36. n. 1-2, março-junho de 1994, p. 115-134.
- DORFMAN, Adriana. A cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória. *Estudios Historicos*. n. 1, maio de 2009, p. 1-10. Disponível em [https://estudioshistoricos.org/edicion\\_1/adriana-dorfman.pdf](https://estudioshistoricos.org/edicion_1/adriana-dorfman.pdf). Consultado em 02 de dezembro de 2024.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Tradução de Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GEERTZ, Clifford. The Bazaar Economy. *The American Economic Review*, v. 68, n. 2 (Suppl.: Papers and Proceedings of the Ninetieth Annual Meeting of the American Economic Association), maio de 1978, p. 28-32.

HANNERZ, Ulf. Ethnicity and Opportunity in urban America. In: COHEN, Abner (org.). *Urban Ethnicity*. London / New York / Sydney / Toronto / Washington: Routledge, 1974. p. 37-76.

HAUSMANN, Guido. Localism and Cosmopolitanism in Odesa: The Case of the Odesan Literary-Artistic Society, 1898-1914. In: LECKE, Mirja; SICHER, Efraim (org.). *Cosmopolitan Spaces in Odesa. A Case Study of an Urban Context*. Boston: Academic Studies Press, 2023. p. 21-36.

MAUSS, Michel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Michel. *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 183-231.

MISSE, Michel. As ligações perigosas: mercado informal ilegal narcotráfico e violência no Rio de Janeiro. *Contemporaneidade e Educação*, v. 1, n. 2, maio de 1997, p. 93-116.

PERALDI, Michel. Economies criminelles et mon des d'affaire à Tanger. *Cultures & Conflits*. n. 68, dezembro de 2007, p. 111-125.

RABOSSI, Fernando. *Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira*. Orientador: Federico Guillermo Neiburg. 2004. 334 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Os bandidos de Isaac Bábel: a armadilha. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis (org.). *Intelectuais e modernidades*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 87-109.

RUGGIERO, Vincenzo; SOUTH, Nigel. The late city as a bazaar: drug markets, illegal enterprise and the barricades. *The British Journal of Sociology*. v. 48, n. 1, p. 54-70, março de 1997.

SICHER, Efraim. The End of Cosmopolitan Time: Between Myth and Accommodation in Babel's Odessa Stories. In: LECKE, Mirja; SICHER, Efraim (org.). *Cosmopolitan Spaces in Odesa. A Case Study of an Urban Context*. Boston: Academic Studies Press, 2023. p. 193-221.

SIMMEL, George. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. *Revista de Ciências Humanas*. v. 43, n. 1, abril de 2009, p. 219-242.

TELLES, Vera da Silva. Ilegalismos urbanos e a cidade. *Novos estudos Cebrap*. n. 84, julho de 2009, p. 153-173.

TURNER, Victor Witter. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALCUENDE DEL RÍO, José Maria; CARDIA, Lais M. Etnografia das fronteiras políticas e sociais na Amazônia Ocidental: Brasil, Peru e Bolívia. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. XIII, n. 292, p. 281-309, jun. de 2009.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Tradução de Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.